

Pais criticam ensino de Taguatinga

Responsáveis por alunos reclamam dos diretores, que cobram taxas e proíbem os estudantes de entrar sem uniforme

Renato Alves
Especial para o Correio

Escola pública em Taguatinga não é sinônimo de ensino gratuito. Para freqüentar a sala de aula, alunos carentes da cidade são obrigados a pagar até R\$ 3 na Carteira Estudantil Unificada, criada em março pela Secretaria de Educação do Distrito Federal. Outra exigência feita por diretores é o uso do uniforme, vendido por até R\$ 20 (camisa e calça) pelas escolas. Cobra-se também pelas atividades extra-classe, como excursões a pontos turísticos e empresas estatais, que chega a R\$ 2.

A dona-de-casa Ângela Maria Sales dos Santos sente no bolso a dificuldade de manter dois filhos na Escola Classe 6 e um na Escola Classe 41, em Taguatinga Norte. Além do material escolar e dos uniformes, gastou R\$ 6,50 com a carteira estudantil dos três. "Há um mês, a minha filha de 8 anos foi proibida de entrar na escola (Classe 6) porque estava sem a carteira. Não tinha feito ainda por falta de dinheiro", relata.

A diretora da Escola Classe 41, Lena Gama, nega a cobrança pela emissão da carteira. Diz que os estudantes têm acesso ao colégio mesmo sem o documento e o uniforme.

Os alunos confirmam a denúncia de pagamento pela carteira. "Se não pagar os R\$ 0,50 pela carteira e não a trouxer todos os dias, não entra", conta Phelipe de Araújo Santos, 12 anos, da 6ª série. "Hoje mesmo (quarta-feira) tive que voltar em casa e buscar a carteira", emenda a colega dele, Suelen Oliveira de Lima, 13.

Pai de um aluno da 5ª série da Escola Classe 41, o digitador Aldeir Souza e Silva, 36 anos, reforça as queixas contra a diretora Lena Gama. "Não reclamo da cobrança da carteira pelo valor em si. Minha revolta é contra uma coisa que é ilegal. Outro dia meu filho me telefonou pe-

dindo para buscá-lo porque não o deixaram entrar. Estava sem a carteira. Me senti pequeno quando vi meu menino sozinho na porta do colégio. Isso doeu muito", conta. Para o filho de Aldeir entrar na escola, foi preciso autorização por escrito da direção da escola.

Ele também chia contra a quantidade de passeios organizados e cobrados pela direção: "Toda semana tem uma tal de excursão que chamo de exploração. Outro dia mesmo cobraram R\$ 2 do meu filho para ir à CEB (Companhia Energética de Brasília)."

As reclamações de Aldeir estendem-se à Escola Classe 53, onde estudam seus outros três filhos, de 5, 7 e 10 anos. "Lá já barraram meus meninos por falta de uniforme. Pelo que sei, a Constituição Federal garante acesso até para quem não tem uma camisa. Estou errado?", indaga.

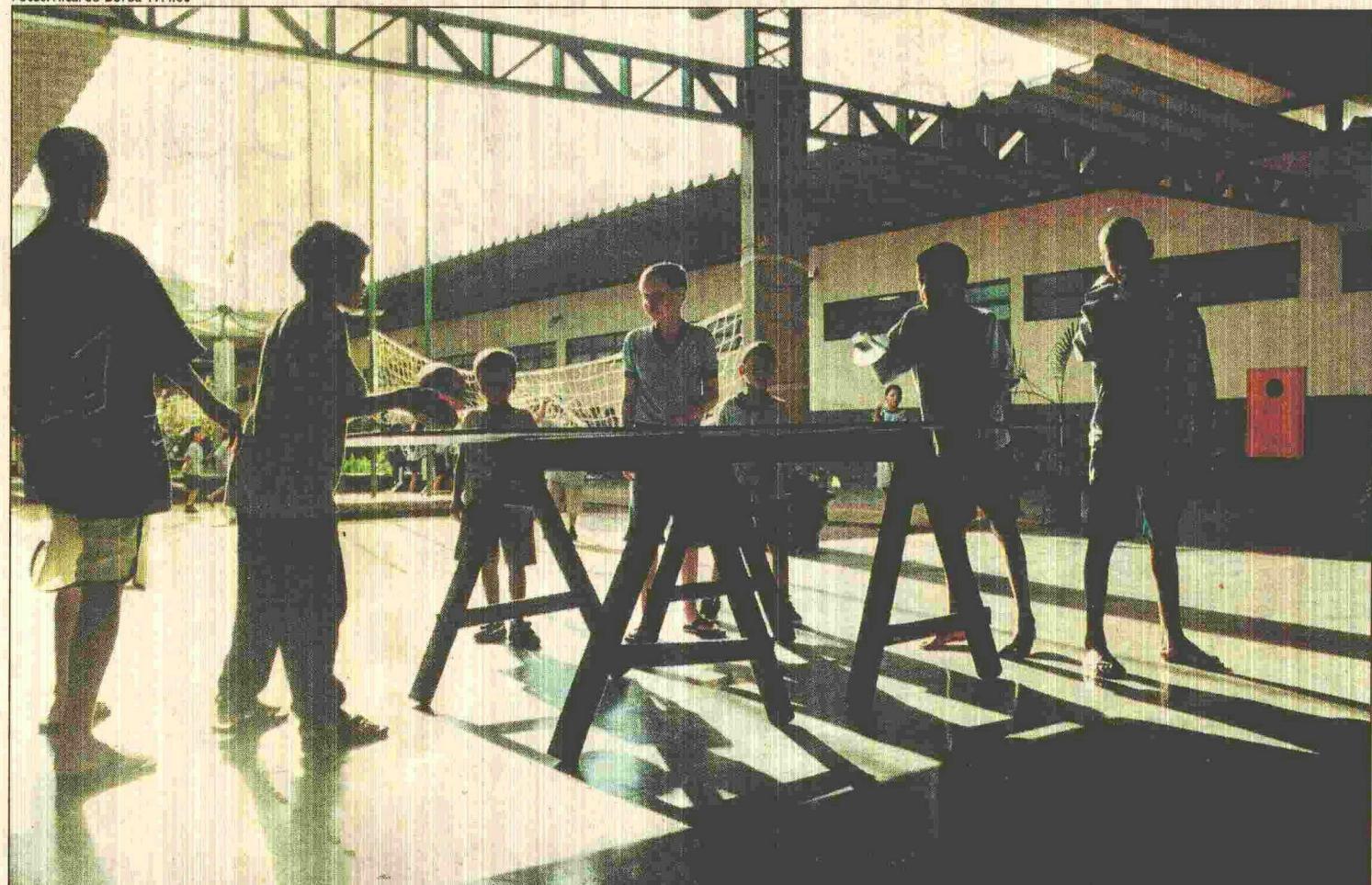
Aldeir, que conta com a ajuda da mulher, dona de uma banca de produtos eletrônicos na Feira dos Importados, diz gastar cerca de R\$ 30 por mês para manter os quatro filhos estudando em escolas públicas, por causa da cobrança das taxas.

Vice-diretora da Escola Classe 53, Neila de Fátima Borges de Lima, não nega a exigência do uniforme como entrada do aluno. "Aqui, como são carentes, assistem aula até de pé descalço. Mas sem a camisa do uniforme precisam de uma autorização para freqüentarem as aulas. Senão vira bagunça", alega.

BANHEIROS E XEROX

Para a diretora Lena Gama, os 1.300 alunos de 1ª a 6ª séries da Escola Classe 41 de Taguatinga estudam num estabelecimento-modelo. "Aqui não falta nada. Tudo que quero consigo porque luto, corro atrás. Por isso minha escola é uma exceção", gaba-se. Porém, pais e alunos discordam dela. Reclamam da cobrança excessiva de taxas (além da pedida pela emissão da carteira

Fotos: Ricardo Borba 19.4.00



Além da falta de professores, a Escola Classe 53 de Taguatinga enfrenta o problema da relação entre alunos: crianças convivem com adolescentes

estudantil) e de promessas não cumpridas.

"Há um mês a diretora pediu R\$ 0,50 para os nossos pais para instalar cortinas em todas as salas. Até hoje só comprou cortina para uma sala. Ninguém sabe para onde foi o resto do dinheiro", diz a aluna da 6ª série Elaine Lima Miranda, 13 anos.

Contradicitoriamente, a diretora Lena Gama revela que algumas melhorias, como a construção do muro lateral do prédio, foram feitas com verba arrecadada em excursões organizadas por ela. E ainda reclama do que considera "má vontade" dos pais. "É um sufoco arrancar R\$ 0,50 deles", afirma.

Lena acompanhou de perto a visita da equipe do Correio à escola. Chegou a chamar a atenção de alunos que queriam dar entrevista. Reunidos no pátio para uma palestra, mandou-os calar por meio do microfone, em tom agressivo.

A maior preocupação da diretora era mostrar suas benfeitorias. Destacou a reforma dos banheiros, realizada com dinheiro

dos pais dos alunos. Mas não conseguiu mostrá-los por dentro. Mesmo em horário de aula, estavam todos fechados com correntes e cadeados. As chaves estavam guardadas na sala da diretoria.

Os pais dos 560 alunos de 1ª a 4ª série da Escola Classe 53

de Taguatinga, por sua vez, pagam de consertos de fechaduras a prestações de máquina de xerox.

O digitador Aldeir Souza e Silva, 36, mostra um dos bilhetes emitidos pela diretoria da Escola Classe 53 pedindo R\$ 2 da

APM (Associação de Pais e Mestres) por mês, para a reforma dos banheiros e pagamento máquina copiadora. "Parece pouco. Mas de dois em dois fica caro. E quem tem mais de um filho, como eu, é mais pesado", pondera.

"SEM A CAMISA DO UNIFORME, OS ALUNOS PRECISAM DE AUTORIZAÇÃO PARA FREQUENTAREM AS AULAS. SENÃO VIRA BAGUNÇA"

Neila de Lima,
vice-diretora da Escola Classe 53

SEM AULA

A vice-diretora da Escola Classe 53 de Taguatinga, Neila de Fátima Borges, admite que a escola tem problemas. E não são poucos. É normal os alunos voltarem para casa mais cedo por falta de professor. "A turma da 4ª

está sem aula há uma semana. E s p e r a m o s substituta para a professora que entrou de férias", conta a vice-diretora. O mesmo acontece com os alunos do Curso de Aceleração.

A escola não dispõe de bibliotecária nem de professores especializados

para aulas de educação física e de educação artística. Identificados com jalecos verdes, monitores entre 8 e 10 anos fiscalizam e ajudam os colegas na biblioteca e nas atividades recreativas. "Quando têm tempo, os profes-

sores e nós da direção damos uma mão", conta Neila.

Além de não ter profissional qualificado, a biblioteca também não tem livros em boas condições de uso. Antiga, a máquina de xerox fica mais tempo parada do que funcionando, segundo a vice-diretora. A escola também não tem projetor de slide.

A violência preocupa as crianças que estudam próximo à Chaparral, área considerada de alta criminalidade. De acordo com a vice-diretora Neila, há policiamento em frente à escola. O único vigia está de férias. Não existe substituto.

Uma mãe de aluno, que não quis se identificar por medo de represálias, reclama que os alunos mais velhos praticam tráfico de drogas, coagem e batem nas crianças. Neila nega a existência de drogas, mas confirma as agressões. "Temos aqui meninos de até 16 anos convivendo com crianças de 6. Mas a legislação nos obriga a aceitar matrículá-los quando há vaga. Ficamos de olho para evitar problemas. Mas nem sempre dá para ver tudo", lamenta.